



A imprensa caricata em Rio Grande
durante a ditadura militar:
a produção no Jornal Agora (1975-1976)

Fábio Ortiz Goulart
Julia Fernandes Pereira
José Andrew Vieira Maio

A imprensa caricata em Rio Grande durante a ditadura militar: a produção no Jornal Agora (1975-1976)

**Fábio Ortiz Goulart
Júlia Fernandes Pereira
José Andrew Vieira Maio**



Rio Grande, RS

2025

© 2025 Autores

Edição: © 2025 Fábio Ortiz Goulart

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio (escrito ou eletrônico) sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editor: Fábio Ortiz Goulart

Diagramação: Fábio Ortiz Goulart

Capa: Recortes do Jornal Agora apresentando produções de Flávio Guimarães, Jorge Rosa, Edgar Vasquez e Mairo Cavalheiro.
Montagem: Fábio Ortiz Goulart

Obra produzida com recursos públicos da Lei Paulo Gustavo de Incentivo à Cultura (Lei Complementar nº 195/2022).

Editora Náutica
Selo editorial de
Fábio Ortiz Goulart
Rio Grande - RS
CEP 96214-160

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goulart, Fábio Ortiz

A imprensa caricata em Rio Grande durante a ditadura militar : a produção no Jornal Agora (1975-1976) / Fábio Ortiz Goulart, Julia Fernandes Pereira, José Andrew Vieira Maio. -- 1. ed. -- Rio Grande, RS : Ed. dos Autores, 2025.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-37065-1

1. Censura 2. Ditadura - Brasil - História - 1964-1985 3. Imprensa - História - Brasil 4. Jornalismo - Aspectos políticos - Brasil 5. Jornal Agora - Rio Grande (RS) - História I. Pereira, Julia Fernandes. II. Maio, José Andrew Vieira. III. Título.

25-259354

CDD-070.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo : Aspectos políticos 070.01

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Introdução	7
A imprensa caricata em Rio Grande.....	13
A ditadura militar em Rio Grande.....	17
A produção do Jornal Agora durante os anos de chumbo	25
Considerações finais.....	41
Referências	45

Agradecimentos

A construção de um livro, em um período tão pequeno, é um desafio. Soma-se a isso o fato de que, durante o processo de pesquisa e elaboração, fomos impactados por elementos externos que atrapalharam a feitura deste material, mas, ainda assim, conseguimos concluí-lo, não da maneira como esperávamos, mas sim a partir das condições que nos foram postas. Gostaríamos de agradecer àquelas e àqueles que foram importantes para a realização de tal escritura; são afetos que legaram um pouco de si para a construção deste livro.

Primeiramente, é necessário agradecer àqueles que diretamente contribuíram com o projeto e a execução dele. Assim, somos gratos à Profa. Dra. Vivian Paulitsch, que, no momento da elaboração do projeto, já nos encaminhou para certas possibilidades. De modo semelhante, o Prof. Dr. Rodrigo Montero contribuiu com possíveis leituras e recortes, que culminaram justamente na perspectiva local aqui abordada, especialmente no enfoque sobre o período do regime ditatorial brasileiro e como ele estava presente nas obras e artistas inventariados.

Importantes e essenciais foram as contribuições de Jorge Rosa, artista que atuou no Jornal Agora durante os primeiros anos e que nos contou brevemente sobre a sua relação com o periódico e sua produção. Paulo Guimarães, irmão do artista Flávio Guimarães aqui inventariado, que prontamente cedeu um pouco de seu espaço para falar sobre seu irmão e as produções críticas elaboradas por ele. Não teríamos chegado aos dois se não fossem os membros do grupo “Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande”, que forneceram os contatos diretos com Jorge e Paulo.

Foram essenciais os relatos de Margareth Badejo e Celso Santos, que nos relataram sobre como era viver no período da ditadura militar brasileira no Rio Grande. Seus relatos serviram como um sopro de resistência e da força que o movimento estudantil e o desejo de liberdade podem evocar nas pessoas.

São importantes para o processo de pesquisa que gerou esta obra as Profas. Dras. Beatriz Valladão Thiesen e Luciana Paiva Coronel, que nos indicaram possíveis interlocutores para a realização de entrevistas e tomada de pontos específicos sobre o regime ditatorial no município.

Agradecemos também aos bolsistas do Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande (CDH/FURG), que estiveram disponíveis para nos atender. Não podemos deixar de nos esquecer da amiga e colega Vitória Sampaio, que trabalhou conosco na coleta de dados no CDH. Sem a atuação dela, certamente teríamos um cronograma ainda mais apertado.

Um agradecimento a Germano Leite, fundador do Jornal Agora, e aos artistas, mesmo os anônimos, que produziram para o periódico e que hoje fazem parte da história da arte local, contribuindo em muito para as leituras sobre a arte, cultura e história do município do Rio Grande.

Por fim, gostaríamos de agradecer nossos familiares e amigos que estiveram conosco durante o processo de elaboração e escrita desta obra. São eles que nos incentivam a buscar um mundo melhor e a lutar pelo que acreditamos, especialmente na busca pela justiça social.

Introdução

O presente livro é fruto do projeto “Charges, tirinhas, cartuns e quadrinhos: levantamento de artistas no Jornal Agora (1975-2020)” e se configura como a primeira etapa de um projeto em andamento. O objetivo deste projeto é realizar um levantamento dos artistas que atuaram e/ou publicaram no município do Rio Grande/RS charges, tirinhas, cartuns e quadrinhos no Jornal Agora, periódico impresso local que foi publicado entre 1975 e 2020. Para isso, recorreremos a um inventário por meio de exemplares do jornal pertencentes ao acervo do Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande (CDH/FURG).

O levantamento, inicialmente previsto para abranger todos os anos de atividade do jornal, foi reduzido apenas aos dois primeiros anos do periódico devido a fatores externos. Embora, à primeira vista, esse período possa parecer curto, a análise revelou-se uma tarefa que demandaria muito mais tempo para ser realizada. Ao todo, tivemos poucos meses para concluir o levantamento, uma vez que enfrentamos diversos imprevistos durante a execução do projeto. Nos meses programados para o levantamento, ocorreram as férias acadêmicas da FURG, o que impossibilitou o acesso ao acervo, que depende de bolsistas estudantes de graduação para atender os pesquisadores no CDH. Além disso, a greve deflagrada pelos servidores das universidades federais suspendeu os atendimentos no centro de documentação. Por fim, as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul também impediram a continuidade do levantamento.

Somente após o retorno das atividades administrativas e acadêmicas da FURG, após as enchentes e a greve, conseguimos finalmente realizar o levantamento necessário para a continuidade do projeto. Por isso, nosso estudo abrange apenas os dois primeiros anos do periódico, 1975 e 1976. Se, por um lado, possa parecer pouco, o foco nesses dois primeiros anos nos revela informações preciosas sobre a atuação do Jornal Agora durante um dos períodos mais duros da ditadura civil-militar brasileira. Portanto, embora não tenhamos seguido o cronograma inicial, foi de grande valia a dedicação específica a esses dois anos.

Além de realizar essa empreitada, o projeto busca dar visibilidade aos artistas que atuaram no jornal, preenchendo uma lacuna na história da arte local. Compreendemos que esses artistas e suas produções devem ser inventariados e compilados para uma melhor compreensão do fenômeno dessas artes no município durante o período analisado. Assim, esta obra configura-se como um compilado de artistas, personagens e histórias. Cada parte deste livro contém informações biográficas dos artistas (quando possível ter acesso a essas informações), principais temas de interesse e estilos empregados na produção de suas charges, cartuns e quadrinhos, contribuindo para a promoção e valorização do patrimônio artístico local.

É importante salientar que os estilos foram divididos de acordo com o plano das figuras proposto por Scott McCloud (2005), no qual o autor contempla três diferentes aspectos pelos quais a imagem pode ser concebida: no plano das figuras, no plano da realidade e, por último, no plano da linguagem. Cada um desses planos, se colocados em uma forma piramidal, é contemplado por quatro

diferentes margens: a margem retinal à esquerda, a margem representacional abaixo, a margem da linguagem que está dentro da pirâmide e faz fronteira com a margem conceitual, que está à direita. Abaixo, está a representação visual dos planos e das margens.

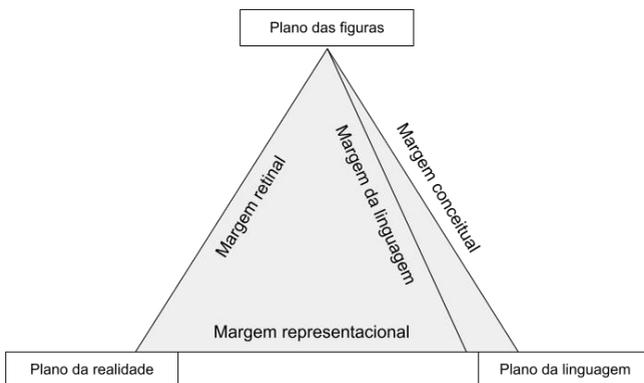


Figura 1. Elaborada Fábio Ortiz Goulart com base em McCloud (2005).

Para McCloud, uma imagem concebida no plano das figuras terá como característica principal a abstração não-icônica, onde as formas geométricas e as linhas são livres e não constituem uma imagem reconhecível. Já no plano da realidade, o que temos é a figuração, ou abstração icônica, onde prevalecem figuras reconhecíveis, e quanto mais à direita se desloca o plano da realidade, mais próximo do plano conceitual nos aproximamos, que diz respeito às ideias que formam as imagens. Para exemplificar, teríamos o seguinte: no plano das figuras, podemos citar a obra *Linhas de interseção* (1923), do pintor Wassily Kandinsky,

onde as formas se movem livremente e não constituem um conjunto de figuras reconhecíveis ou relacionadas ao mundo concreto; já no plano da realidade, podemos citar como exemplo a *Mona Lisa* (1503), de Leonardo da Vinci, pois conseguimos compreender os elementos que compõem a obra como uma figura humana, bem como distinguir os elementos da paisagem ao fundo; por último, no plano da linguagem, temos as palavras, que representam conceitos e ideias de objetos concretos, sentimentos, sons, etc.

Os ícones, muito utilizados no cartum e na imprensa caricata, se encontram, em sua grande maioria, no plano da realidade, próximos ao plano da linguagem, à direita da pirâmide, por possuírem traços mais livres, com pouco detalhamento. Em muitos casos, são apenas as linhas que dão ideia do que está sendo representado. Para citar alguns exemplos: a arte de Sérgio Aragonés ou mesmo as histórias da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, se encontram à direita no plano da representação.

O livro está dividido em três capítulos. No primeiro, faremos uma breve contextualização das pesquisas sobre a imprensa caricata do Rio Grande, com o objetivo de fornecer um panorama geral do tema, bem como oferecer fontes para aqueles que desejarem se aprofundar nos estudos sobre charges e cartuns em periódicos rio-grandinos. No segundo capítulo, abordaremos os impactos da Ditadura Militar no município, a fim de contextualizar o Jornal Agora em um cenário social, econômico e político mais amplo, uma vez que o município não estava, nos anos 1970, alheio ao que acontecia no contexto estadual, nacional e internacional. Por fim, apresentamos o levantamento das histórias, artistas e charges que

apareceram no período de 1975 a 1976 no jornal, tentando analisar, à luz do contexto histórico, alguns trabalhos.

A imprensa caricata em Rio Grande

O município do Rio Grande possui uma longa tradição de artistas dedicados à imprensa caricata, cujas origens remontam aos primeiros cinquenta anos da imprensa local (Damasceno, 1962). Sendo o Rio Grande do Sul a última das províncias a desenvolver sua imprensa, o processo teve início em 1827, com o *Diário de Porto Alegre*, o primeiro jornal do estado (Barreto, 1986). Já no município do Rio Grande, o primeiro jornal foi *O Noticiador*, de 1832. Nele, além de notícias, eram publicados textos literários e anúncios gerais vinculados ao comércio, como a venda de pessoas escravizadas e viagens de barcos e navios (*O Noticiador*, 1833).

Entre os periódicos que se destacaram na imprensa caricata do município, estão *O Amolador* (1874), *O Diabrete* (1875), *Maruí* (1880) e *Bisturi* (1888). Conforme aponta Damasceno (1962), esses periódicos continham charges e outros materiais textuais e ilustrados que comentavam tanto a vida política do município quanto de outras localidades da província.

Branco (2005, p. 14) aponta que tais jornais tinham uma “forte tendência moralizadora”, atacando “todos aqueles que julgavam estar corrompendo a sociedade e/ou prejudicando o desenvolvimento do município”. A crítica desses jornais recaía sobre todos — da Igreja Católica a políticos, da Maçonaria a membros ilustres da sociedade — desde que tivessem se desviado do que se considerava moral à época (Branco, 2005). *O Diabrete*, por exemplo, era um periódico dedicado à cidade e se apresentava como comprometido com a defesa dos mais pobres contra os

ricos (Damasceno, 1962). Abaixo, um exemplo de charge publicada em *O Diabrete*:



Figura 2. Charge da capa do número 19 d'*O Diabrete*, publicado em 28 de novembro de 1880. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em 13 abr. 2025.

O período em que esses periódicos foram publicados está marcado, de acordo com Hohlfeldt (2006), pela presença da imprensa industrial, ou seja, os proprietários passam a atuar como empresas jornalísticas e dependem da assinatura mensal dos contribuintes para manter as atividades. Outro fator levantado pelo autor é a segmentação das publicações, pois, nesse período, surgiram muitos jornais vinculados a partidos específicos, mas também periódicos voltados a diferentes movimentos de trabalhadores, às mulheres e a grupos étnicos, como italianos e alemães. Essa segmentação, segundo o autor,

decorre do crescimento da alfabetização e da urbanização da província. Somam-se a esses fatores o aumento do número de páginas dos exemplares, o crescimento da tiragem, a inclusão das demandas da população nos jornais, o acompanhamento de grandes acontecimentos, a intervenção das autoridades nas publicações (como ocorrerá no período de 1890) e a valorização da palavra como forma de comunicação.

Nas palavras do autor, o período de 1870 a 1930

é de radical modificação na história da imprensa sul-rio-grandense, bem como na brasileira, ainda que não se deva falar em ruptura total de modelos ou abandono de certas práticas. Deve-se, antes, citar a convivência, com maior ou menor beligerância, de práticas de tendências pré-existentes e que perdurarão durante o período, ao lado de outras tantas que surgem e terminam por se afirmar durante essa época (Hohlfeldt, 2006, p.10).

É nesse contexto de efervescência que a imprensa caricata da província tem sua origem. E ela não estaria alheia aos assuntos provinciais, temas nacionais e mesmo às questões locais, que tocavam diretamente o grande público.

A produção sobre os periódicos e a imprensa caricata em Rio Grande é relativamente bem documentada para o século XIX. Contudo, o mesmo não se pode dizer do século XX, pois ainda há necessidade de inventariar os artistas e os trabalhos relacionados a essa forma de expressão no município. Um dos poucos estudos sobre os cartunistas, chargistas e quadrinistas de Rio Grande no

século XX é o de Goulart, Pereira e Maio (2024), justamente derivado do projeto que deu origem a esta obra.

Neste trabalho, os autores abordam o artista Flávio Guimarães (1949–1997), que atuou nos primeiros anos do *Jornal Agora*, produzindo charges, cartuns, tirinhas e histórias em quadrinhos que tematizavam questões locais de infraestrutura e política, bem como aspectos do cenário político brasileiro e internacional.

No capítulo 3, abordaremos parte do material coletado no periódico com o objetivo de compreender quais temas eram mais recorrentes à época, especialmente levando em consideração o contexto histórico vivido pelo Brasil naquele período.

A ditadura militar em Rio Grande

O dia 1º de abril de 1964 marcou o início do período ditatorial no Brasil, quando o golpe militar — articulado pelas Forças Armadas em aliança com setores do poder econômico privado — destituiu o então presidente João Goulart. O regime, que perdurou por 21 anos, impactou desde a esfera federal até os municípios. Esse momento histórico tem sido amplamente estudado no contexto das grandes metrópoles, embora haja poucos estudos dedicados à forma como os municípios do interior vivenciaram e resistiram a esse período, especialmente no que diz respeito à produção artística local e sua atuação como forma de resistência e denúncia.

É fundamental compreender de que maneira os municípios mais afastados dos grandes centros urbanos foram afetados pela repressão e como suas expressões artísticas refletiram e contestaram o regime. Nesse sentido, este trabalho propõe-se a investigar a história da cidade de Rio Grande, com o objetivo de entender as particularidades locais durante o regime militar.

O município do Rio Grande foi destacado por diversos estudos como um polo de tendências revolucionárias, tendo sido palco de reivindicações trabalhistas materializadas por meio de greves operárias, passeatas e confrontos com a polícia. No entanto, paralelamente ao avanço dessas mobilizações políticas, a repressão também se intensificava. As perseguições aos movimentos trabalhistas tornaram-se cada vez mais frequentes por parte de grupos da extrema direita, que promoveram atos como a “Marcha da Família com Deus e pela Liberdade”, cujo objetivo era deslegitimar as

demandas operárias. Ademais, a cidade era considerada uma Zona de Segurança Nacional (BORBA BARRETO; SAINZ, 2019).

Em notícia publicada no *Jornal Agora*, de Rio Grande, nas edições de 20 e 21 de dezembro de 2014, página 8, relatou-se a prisão de civis que defendiam a manutenção da democracia, sem qualquer acusação formal ou direito à defesa. A prisão foi ordenada pelo capitão de fragata Almirante Maximiano Eduardo da Silva, tendo como destino o navio *Canopus*, que também ficou conhecido como “Navio Branco”.



Figura 3. Navio Canopus. Fonte: Jornal Agora, 2014.

O comandante Maximiano Eduardo da Silva assumiu o controle do navio em 17 de junho de 1963. Antes disso, Mário Rodrigues da Costa, então capitão dos portos, havia requisitado a embarcação para servir como prisão flutuante. O traslado dos presos até o navio foi realizado por meio de lanchas, com início em 6 de abril de 1964. O número de detidos a bordo chegou a um total de 22 pessoas, variando ao longo do tempo. Entre os presos estavam vereadores, professores e profissionais de outras

áreas, como Athaydes Rodrigues, vereador do Partido Republicano (PR); Antonio Nailen Espíndola, portuário filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); e Heitor Viterbo de Oliveira, promotor de justiça, cujo vínculo partidário era desconhecido.

Em entrevista ao *Jornal Agora* (n. 11.026, 2014), Athaydes Rodrigues declarou que não houve nenhum tipo de tortura durante o período em que esteve no navio. Contudo, o historiador Francisco das Neves Alves (2007) relata que o então prefeito de Rio Grande, Farydo Salomão, também filiado ao PTB, foi vítima de tortura, humilhações e teve seu contato com familiares completamente cerceado. A seguir, apresenta-se a lista dos presos mantidos no navio *Canopus*.

Nome	Profissão	Partido
Aldo Napolli	Militar/professor	nenhum
Antônio Nailen Espíndola	Portuário	PTB
Athaydes Rodrigues	Militar/Vereador	PR
Claudomiro Farias	Desconhecida	desconhecido
Dinarte Luz Alves	Portuário	não declarado
Edgar José Cuevello	Jornalista/Vereador	PR
Enestor Farias de Albernaz	Portuário	PCB e PR
Evandro Victor Rodrigues	Ferrovário	PTB
Eurides Paim Vieira	Departamento Estadual de Portos, Rios e	PTB

	Canais-RS	
Heitor Viterbo de Oliveira	Promotor de Justiça	desconhecido
João Flores Aguiar	Agricultor	PCB
João Rodrigues Viana	Desconhecida	desconhecido
José Ferreira da Costa	Pedreiro	PCdoB
Manuel Gonçalves	Desconhecida	desconhecido
Manoel Rechia	Ferrovário	PCB
Miguel Gomes	Ferrovário	PTB
Nery de Ávila	Desconhecida	desconhecido
Osmar Santa Helena	Professor	desconhecido
Raul Duarte Prestes	Desconhecida	desconhecido
Roberto Leonardo Germano	Desconhecida	desconhecido
Ruben Dutra Ferreira	Desconhecida	desconhecido
Savio da Silva Pinto	Desconhecida	desconhecido

Fonte: FURG (2023).

O vereador Athaydes Rodrigues escreveu, durante seu período de prisão na embarcação *Canopus*, uma obra autobiográfica publicada em 1980, intitulada *Agora eu...* Nela, relata que entre os presos havia pessoas sem qualquer vínculo com o Partido Comunista, evidenciando que a repressão não se dirigia exclusivamente a marxistas, mas sim à classe trabalhadora e aos pobres do país. O autor

critica essa lógica repressiva ao afirmar: “Parece que as autoridades têm uma filosofia especialíssima. Pretendem ‘salvar’ o Brasil matando os pobres e assustando aos que procuram um mundo melhor, de menos miséria, de menos sofrimento.” (Rodrigues, 1980, p. 22).

Posteriormente, o então militar Maximiano Eduardo da Silva foi nomeado comandante da Marinha e, em 1984, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). No entanto, em 2014, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) tornou públicas diversas violações de direitos humanos cometidas pelo militar durante o regime. Como consequência, em 2024, o Conselho Universitário da FURG decidiu, em reunião, revogar seu título honorífico. Essa decisão reafirmou o compromisso da universidade com os princípios dos direitos humanos, em consonância com os artigos 1º, 2º e 3º da Convenção Internacional para a Proteção de Todas as Pessoas contra o Desaparecimento Forçado, de 6 de fevereiro de 2007.

Outro personagem de relevância histórica foi Golbery do Couto e Silva, nascido na cidade de Rio Grande, reconhecido como um dos principais estrategistas do golpe militar de 1964. Golbery foi o fundador e primeiro chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão criado com a finalidade de coletar informações estratégicas, monitorar opositores e garantir a manutenção da ordem segundo os preceitos do regime militar. Atuou como conselheiro-chefe em diversos governos durante o período ditatorial e esteve envolvido na articulação de movimentos e organizações civis alinhados à ditadura, como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a CAMDE – Campanha da Mulher pela Democracia.

As doutrinas de segurança nacional, amplamente difundidas por esses agentes, legitimaram práticas sistemáticas de tortura, assassinatos e desaparecimentos forçados. Em consonância com os princípios democráticos e com os direitos humanos, o Conselho Universitário da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) deliberou, em 2024, pela revogação do título de Doutor Honoris Causa anteriormente concedido a Golbery do Couto e Silva.

Em entrevista concedida por Margareth Badejo e Celso Santos — ambos ativistas políticos e fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) no município do Rio Grande — foram compartilhadas experiências e reflexões sobre o período da ditadura militar vivenciado na cidade. A entrevista foi guiada por uma série de perguntas com o objetivo de compreender melhor o contexto local durante o regime, abordando temas como a experiência cotidiana sob a ditadura e as estratégias de resistência adotadas frente aos acontecimentos de âmbito nacional.

Margareth e Celso relatam que, à época do golpe, ainda eram crianças e que a consciência crítica sobre o regime se desenvolveu mais intensamente quando ingressaram na universidade. Segundo eles, embora a repressão, a tortura e a censura não fossem amplamente debatidas em espaços públicos, todos sabiam que tais práticas estavam presentes. Ambos enfatizam a importância de revisitar essas memórias e registrar suas vozes como forma de resistência, reafirmando o compromisso com a preservação da memória histórica e a não repetição dos horrores do passado.

Celso nos contou que, durante o período em que esteve no Exército, vivia com medo, pois circulavam boatos de que os “terroristas” poderiam aparecer a

qualquer momento e atirar. Na universidade, também enfrentaram dificuldades, já que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Rio Grande era ligado à direita. Muitas vezes poderiam ter sido presos ou perseguidos, mas, por sorte, escaparam. Comentam que, naquele tempo, a luta era por direitos básicos e elementares. Fizeram panfletagem em locais públicos, buscando não dar a ver a atividade, de forma a esconder, para que não fossem pegos pelas autoridades locais.

Durante a entrevista, refletiam sobre quem seriam, afinal, os verdadeiros heróis do país. O pessoal da Guerra dos Farrapos, por exemplo, não foi, pois o movimento não teve sucesso. Até mesmo a independência do Brasil foi proclamada pelo próprio imperador. Parecia que as grandes mudanças no país sempre eram "concedidas" de forma "pacífica", enquanto o derramamento de sangue acontecia às escondidas, na clandestinidade. As mortes e os corpos eram ocultados com cinismo. Enquanto isso, propagava-se a ideia de que o Brasil era o país da miscigenação, do samba e da alegria, como se não houvesse violência, como se o ódio não estivesse presente. Mas ele sempre esteve — e durante a ditadura não foi diferente.

Embora Athaydes Rodrigues afirme não ter sofrido torturas ou truculência por parte dos militares em Rio Grande, uma fonte entrevistada, que preferiu não ser identificada, informa que, para uma outra parcela da população, a truculência era real. A fonte relata que, quando criança, sua avó era funcionária da União Operária, e certa vez, enquanto estava lá, os militares chegaram agredindo as pessoas que se encontravam no espaço, sob o argumento de que reuniões não eram permitidas, a não ser que fossem a trabalho.

Esses relatos, ainda que fragmentados, apresentam um pouco do que foi o período para uma parcela da população rio-grandina. O medo de exercer sua voz, a impossibilidade de se reunir com colegas de trabalho e de viver suas próprias vidas de forma livre eram problemas reais e se articulavam com a política de repressão implementada nacionalmente.

A produção do Jornal Agora durante os anos de chumbo

Sobre o Jornal

A produção no *Jornal Agora* durante seu primeiro ano de existência consistia em tirinhas, histórias em quadrinhos, charges e cartuns. O periódico manteve, nesses primeiros anos, uma certa regularidade em relação aos artistas que atuaram em suas páginas, sendo o paulistano Flávio Guimarães o que mais tempo colaborou com a publicação. Outros nomes que colaboraram nesse período foram Mairo Cavalheiro (que contribuiu com Guimarães em algumas de suas produções), Jorge Rosa, Sônia “Liny” Miranda, Luiz Agustin, Chino e Edgar Vasquez.

Neste capítulo, o objetivo é trazer à tona esses artistas e suas produções, contribuindo com a história das artes gráficas locais, além de observar de que maneira suas produções dialogavam com o contexto social, histórico e econômico que o Brasil vivenciava à época. Não se trata aqui de esgotar ou de entrar em discussões profundas sobre cada um dos artistas ou de suas produções, mas sim de gerar um panorama geral que, esperamos, propicie um caminho para os próximos que se dedicarem aos estudos das artes gráficas dos jornais rio-grandinos em meados do século XX.

Distribuído nos cinemas do município do Rio Grande e inicialmente intitulado O Peixeiro, em meados dos anos 1970, o Jornal Agora foi um periódico que abrangeu Rio Grande, São José do Norte e região. Criado em 1975 pelo

empresário Germano Leite, encerrou suas atividades no ano de 2020 por conta de fatores como a difusão das notícias através da internet e o alto custo dos equipamentos utilizados para as impressões do jornal.

De acordo com Jorge Rosa (comunicação pessoal, 2025), cartunista e chargista que atuou no jornal em seus inícios, toda a produção do periódico era realizada de forma manual. Conforme observamos em nossa pesquisa, é na segunda metade do ano de 1976 que o primeiro número com cores é publicado. Na capa do dia 7 de setembro de 1976, que anunciava o Dia da Pátria, uma lânguida faixa nas cores verde e amarela cruzava a capa na diagonal.

É importante salientar que o jornal operou durante uma parte significativa do período da Ditadura Civil-Militar, quando o Ato Institucional nº 5 estava em vigor e, apesar dos desafios impostos pela censura, atuou como um instrumento de denúncia.

Artistas e produções

Conforme mencionado, Flávio Guimarães, nascido em São Paulo (SP) em 1949, foi um dos principais artistas a atuar nesses dois primeiros anos de existência do Jornal Agora. Além disso, ele é o artista com a maior expressividade de materiais publicados, tendo transitado entre diferentes linguagens, tais como charges, cartuns, tirinhas e histórias em quadrinhos.

Guimarães, cujo pai era filiado ao Partido Comunista durante o período ditatorial, veio para Rio Grande após a promulgação do Ato Institucional Número Cinco, que retirava os direitos políticos e de manifestação de parlamentares, agentes do governo e da população, além

de ter suspenso as atividades do Congresso Nacional, permitido a cassação de mandatos de parlamentares e impedido a justiça de julgar atos presidenciais.

Chegando no município em 1968, no final da adolescência, Guimarães, que já atuava com cartunistas na Folha de São Paulo, passou a trabalhar no Jornal Agora já no primeiro número, além de ter ingressado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em 1970, para cursar Direito, graduando-se nos anos 1980. Após a formatura, passou a advogar, mas a arte sempre continuou fazendo parte de sua vida, tendo produzido vídeos e filmes caseiros com sua família. Guimarães faleceu em 1997, deixando um legado ainda pouco explorado para as artes gráficas e a história da arte rio-grandina. Aqui destacamos algumas de suas produções, que, por serem extensas, não conseguiremos dar conta de todas elas, mas tentaremos dar um panorama geral de seu estilo e temas principais.

Importante mencionar que Flávio Guimarães assinava suas produções com diferentes nomes: Guima, Irmãos Guima, Guimarães. Salientamos que o uso do termo Irmãos Guima pode fazer referência à prática de Flávio de creditar seu irmão por possíveis contribuições de ideias à sua produção, conforme mencionado por um colega de trabalho, Hamilton Freitas, embora Paulo Guimarães, irmão de Flávio, não tenha memória sobre essa questão.

Conforme mencionado, Flávio Guimarães produziu diferentes materiais, entre eles quadrinhos, tirinhas, cartuns e charges. Entre seus personagens, destacam-se o Leão da Moto (Figura 4), história em quadrinhos infantil publicada aos sábados, cujo personagem-título ensinava conteúdo educativo para as crianças. Além disso, era ele que, na seção infantil dos sábados, apresentava as

produções das crianças que enviavam material para o Jornal Agora.



Figura 4. História em quadrinho do Leão da Moto. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

A Aranha (Figura 5) era uma das tirinhas produzidas por Guimarães; tratava-se de uma pequena aranha

doméstica que vivia na residência de algum humano. Ela refletia sobre questões cotidianas e de interesse geral, como guerras, exploração do petróleo, movimentos sociais, poluição, entre outros temas sensíveis.

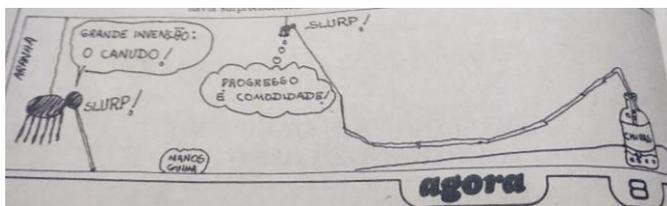


Figura 5. Tirinha da Aranha. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

Gog e Magog (Figura 6) são dois personagens, irmãos siameses, cuja tirinha trata de temas sensíveis sobre o período. Nas tirinhas em que aparecem, eles comentam sobre a questão do aumento do custo de vida e refletem sobre pessoas que morreram por falta de dinheiro para comprar o mínimo. Além disso, Guimarães utiliza os personagens como forma de denunciar a censura imposta pelo regime militar.



Figura 6. Tirinha Gog e Magog. Fonte: Jornal Agora, 1976. Acervo CDH/FURG.

O Super Pai (Figura 7) trata-se de um personagem caricato de meia-idade, afeito às ideias do governo vigente à época, e ferrenho defensor do partido Arena. Ele,

juntamente com o Iô-iô, era o principal personagem que tratava especificamente sobre as questões da ditadura e os impactos dela na população local.



Figura 7. Tirinha do Super Pai. Fonte: Jornal Agora, 1976. Acervo CDH/FURG.

O Iô-iô (Figura 8) é um personagem que, como o Super Pai, está fortemente relacionado à ditadura militar, porém, diferentemente do primeiro, demonstra ser crítico em relação ao regime. Um caso particular bem interessante é aquele abordado por Goulart, Fernandes e Maio (2024), em que a professora Julia Nahuys Coelho, até então delegada de ensino do município do Rio Grande, foi exonerada do cargo por não compactuar com os ideais da Arena. Esse caso em questão foi uma das últimas aparições do personagem e também das tirinhas ácidas e conscientes de Guimarães. Cabe salientar que a tirinha era produzida em colaboração com Mairo Cavalheiro, poeta que contribuiu com poesias para o jornal.



Figura 8. Tirinha do Ioiô. Fonte: Jornal Agora, 1976. Acervo CDH/FURG.

Além destes personagens, Guimarães produziu uma série de charges, que possuíam o cotidiano como tema principal. Um conjunto destas que vale nota é a seqüência de charges que acompanha o estado de saúde do general espanhol Francisco Franco, que, na época, estava internado com câncer (Figura 9). A partir do humor ácido, Guimarães comenta o estado de saúde e atualiza a população por meio das charges, fazendo delas não somente comentadoras críticas, mas também a própria fonte da informação. Poucos meses antes do término de 1976, as produções de Guimarães deixam de aparecer nas páginas do jornal, porém não conseguimos saber, até o momento, o motivo de isso ter acontecido.



Figura 9. Charge de Guimarães. Fonte: Jornal Agora, 1975.
Acervo CDH/FURG.

Por fim, é importante ressaltar que Flávio Guimarães foi um artista extremamente prolífico, cuja produção abrangeu uma ampla gama de temas, que iam do banal e cotidiano até questões de relevância nacional e internacional. Suas obras serviram, ora como entretenimento, ora como fontes de informação ou de crítica social, econômica e política, evidenciando a versatilidade de seu trabalho e seu compromisso com o contexto histórico.

Outro artista relevante nos dois primeiros anos do Jornal Agora é Jorge Rosa (1949 –). Em comunicação pessoal, o artista relatou ter participado da criação do

periódico e destacou que o desenho sempre foi sua verdadeira paixão. Sua produção se estendeu principalmente para charges e tiras humorísticas, sendo a personagem Dorinha (Figura 10) uma das suas mais marcantes e recorrentes, simbolizando sua assinatura artística no jornal.



Figura 10. Tirinha da Dorinha. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

Dorinha é uma personagem cuja tirinha levava seu próprio nome. Com corpo esbelto e escultural, suas histórias abordavam questões femininas sob uma ótica masculina, frequentemente tratando de temas como o assédio sofrido pela personagem. Não eram raras as vezes em que seu corpo era colocado como objeto de desejo, evidenciando uma perspectiva que oscilava entre o entretenimento e a crítica social. Assim, ainda que a série não assumisse um caráter militante, em algumas situações ela tocava, de forma sutil ou ambígua, em temas sensíveis e cotidianos, em contraponto às pautas sociais que ganhavam força a partir de meados do século XX.

A estética de Dorinha destoava das demais produções do Jornal Agora. Seus traços eram bem delineados e marcantes, afastando-se do estilo simplificado típico do cartum. As tirinhas da personagem apresentavam uma

visualidade mais próxima das histórias em quadrinhos convencionais da época, especialmente daquelas publicadas por grandes editoras. Além disso, é possível perceber a influência das pin-ups — ilustrações femininas em poses sensuais, largamente populares durante e após a Segunda Guerra Mundial —, reforçando o apelo visual da personagem e a associação à sensualidade.

De maneira semelhante a Flávio Guimarães, mas de forma menos incisiva, as charges de Jorge Rosa destacavam os problemas estruturais e sociais vivenciados pela população rio-grandina, chamando atenção para essas questões de forma crítica (Figura 11).



Figura 11. Charge de Jorge. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

Chino, cuja identidade não conseguimos identificar até o presente momento, colaborou com o jornal por meio de alguns poucos cartuns. Apesar da quantidade reduzida, suas produções abordam de forma direta questões

relacionadas ao governo militar e à censura imposta pelo regime. Um exemplo é o cartum reproduzido abaixo (Figura 12), no qual o artista combina duas linguagens: colagem e desenho.

Na imagem, vê-se uma mão direita fazendo o gesto de “V” com os dedos indicador e médio — tradicionalmente associado à paz ou à vitória. Ao lado, aparece um soldado desenhado, trajando farda, segurando uma faca com a qual corta os dedos da mão ao seu lado. A cena sintetiza, de maneira incisiva, a repressão violenta à liberdade de expressão e aos gestos simbólicos de resistência.

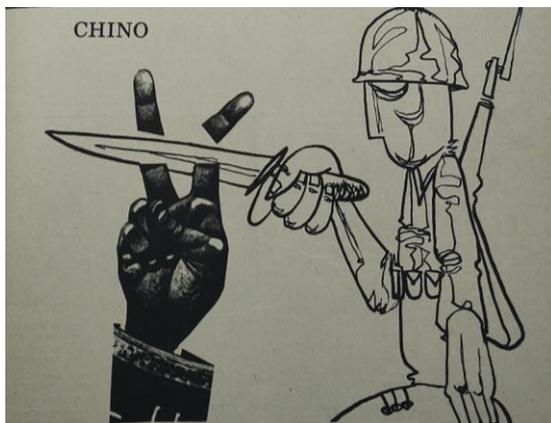


Figura 12. Cartum de Chino. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

Edgar Vasquez (1949–), renomado cartunista gaúcho, publicou uma única tirinha neste primeiro período do jornal. Na charge, duas figuras conversam sobre o cotidiano. Uma delas afirma: “A única coisa que não falta no cardápio do miserável é o molho.” A outra pergunta: “Que molho!?” e a primeira responde: “O das ‘barbas’ de molho!” O uso dessa expressão popular, combinado à

iconografia que não revela a identidade das personagens, pode estar relacionado à censura vigente e ao contexto político do Brasil na época. Dessa forma, a tirinha pode ser interpretada como uma menção sutil ao regime militar.



Figura 13. Tirinha de Edgar Vasquez. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

Liny Miranda é a única mulher a contribuir com produções para o jornal neste primeiro momento. Ela publicou uma única tirinha, em formato vertical, intitulada "O Pianista" (Figura 14, ao lado). A tirinha apresenta uma figura masculina sentada à frente de um piano. Após concluir sua apresentação musical, o pianista, ao agradecer ao público, retira a peruca que estava usando, o que provoca confusão na plateia — representada graficamente por pontos de interrogação.



Figura 14. O Pianista. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

O personagem K-Zar (Figuras 15–17), criado por Luiz Agustin, apareceu em um total de sete edições. Na história, o personagem — que remete ao arquétipo do herói, como visto em *Flash Gordon* — vive aventuras ambientadas em um universo de ficção científica. De forma semelhante à personagem Dorinha, o traço é bem delineado e remete fortemente ao estilo das histórias em quadrinhos da época, especialmente aquelas publicadas por grandes editoras norte-americanas, como Marvel e DC. A narrativa apresenta um trio de personagens fixos: o

próprio K-Zar, que protagoniza a trama como herói; Juna; e o Professor Lazak, seus companheiros de jornada.



Figuras 15-17. História de K-Zar. Fonte: Jornal Agora, 1975. Acervo CDH/FURG.

É interessante observar o nome do personagem, K-Zar, que pode remeter a outros dois personagens publicados pela Marvel Comics nas décadas de 1930 e 1960. O primeiro, Ka-Zar, grafado de forma diferente, é um aventureiro ao estilo de Tarzan, um “senhor da selva”.

O segundo Ka-Zar, criação de Stan Lee e Jack Kirby, aparece na revista *X-Men* nº 10, de 1965, e também é baseado em Tarzan e na ideia do “senhor da selva”.

Do ponto de vista estilístico, as obras realizadas pelos artistas apresentam traços característicos do cartum, como o uso de elementos exagerados por meio da simplificação. Os traços costumam ser simples e pouco detalhados, tanto na corporalidade dos personagens quanto nas paisagens em que estão inseridos. Essa simplicidade é justamente o que torna as produções eficazes na transmissão de sua mensagem. Conforme McCloud (2005), ao se abrir mão da representação da realidade como ela aparece ao olhar, coloca-se a mensagem em evidência, tornando o enunciado mais direto e eficaz. Além disso, traços mais simplificados tendem a facilitar a identificação por parte do leitor.

O exagero por meio da simplificação pode ser observado nas charges de Flávio Guimarães, Jorge Rosa e Liny Miranda. Já a simplificação pura aparece de modo mais evidente na tirinha da Aranha, onde a personagem é representada apenas por um círculo preto com oito traços que indicam suas patas. Alguns elementos, como garrafas e outros objetos, apresentam maior detalhamento, mas apenas o suficiente para sugerir o que são, sem especificar pormenores.

As únicas produções que parecem fugir desse padrão cartunesco são aquelas que não apresentam teor crítico em seu conteúdo e parecem voltadas ao puro entretenimento: Dorinha e K-Zar. A primeira é uma tira satírica com considerável continuidade, enquanto a segunda foca nas aventuras do herói K-Zar, inserido no gênero da ficção científica. Ambas parecem buscar inspiração em histórias em quadrinhos populares na época.

A escolha metodológica de compreender as imagens à luz da proposta de Scott McCloud (2005) nos permitiu não apenas classificá-las por estilo, mas também aprofundar a leitura de seus modos de operação simbólica. Ao articular os planos da figuração, da realidade e da linguagem, evidenciamos como essas imagens não são meros espelhos do real, mas agentes ativos na construção de sentidos e afetos. Isso se mostra especialmente relevante diante dos limites impostos pela censura, que exigiam dos artistas estratégias visuais de dissimulação e duplo sentido.

As imagens produzidas pelos artistas revelam como a arte gráfica, mesmo no sul do Rio Grande do Sul — distante dos grandes centros urbanos —, encontrava brechas para criticar e evidenciar os dissabores do período ditatorial. Essas produções preservam parte de uma tradição caricata, jocosa e socialmente engajada, que remonta à segunda metade do século XIX. Assim, esses materiais não devem ser vistos apenas como acessórios da história da arte local, mas como fontes privilegiadas para a compreensão do período dos anos de chumbo e de como ele reverberava na cidade. Permitem observar de que maneira os discursos sobre os acontecimentos nacionais chegavam a Rio Grande, moldando suas formas particulares de resistência e expressão.

Considerações finais

Encerramos esta obra com a consciência de que ela representa apenas um primeiro passo dentro de um campo vasto, ainda pouco explorado, mas de suma importância para a memória cultural e política do município do Rio Grande. Ao longo destas páginas, procuramos demonstrar como a imprensa caricata, muitas vezes relegada a um segundo plano nos estudos acadêmicos, desempenha um papel central na articulação entre arte, resistência e cotidiano. Mais do que simples formas de humor gráfico, as charges, tirinhas e cartuns aqui analisados compõem um mosaico expressivo das tensões sociais, culturais e políticas vividas durante os anos de chumbo, sobretudo a partir de um olhar localizado, atento às nuances da vida em uma cidade interiorana.

O levantamento realizado nos arquivos do *Jornal Agora*, restrito aos anos de 1975 e 1976 por razões conjunturais já explicadas, revelou uma diversidade de vozes e estilos que, mesmo em meio à repressão e à censura, encontraram meios de expressar crítica, ironia e esperança. Nomes como Flávio Guimarães e Jorge Rosa emergem não apenas como ilustradores ou humoristas, mas como verdadeiros cronistas gráficos do período. Suas obras, marcadas por estilos distintos — ora incisivos, ora melancólicos, ora didáticos — compõem uma memória visual que nos ajuda a compreender como se dava a disputa simbólica pelo direito à palavra e à imagem em um contexto de silenciamento sistemático.

As imagens analisadas revelam que a imprensa caricata operava como um espaço ambíguo: ao mesmo tempo em que podia funcionar como válvula de escape

para o riso e o escapismo, era também um campo fértil de insurgência, por onde circulavam críticas veladas (ou explícitas) ao regime, denúncias sociais e posicionamentos políticos. A complexidade dessa produção, muitas vezes atravessada por códigos e metáforas visuais, nos instiga a refletir sobre a potência das imagens como dispositivos de resistência.

Se, por um lado, a produção do *Jornal Agora* não pode ser reduzida a um projeto coletivo e deliberado de oposição ao regime, por outro, é incontestável que os artistas ali envolvidos não se furtaram ao enfrentamento dos dilemas de seu tempo. Em seus traços reverberam as angústias, os silêncios, as contradições e os desejos de um período marcado por perseguições, mas também por formas criativas de resistência cotidiana. Através da figura do “Iô-iô”, das críticas do “Super Pai” ou dos comentários ácidos da “Aranha”, vemos emergir um modo particular de narrar o mundo — entre a crítica e o afeto, entre o riso e a dor — compondo uma teia multifacetada de ações que resistiram em momentos tão obscuros de nossa história recente.

Em um momento em que o Brasil ainda lida com as heranças da ditadura, tanto nos afetos sociais quanto nas estruturas institucionais, resgatar e valorizar essas produções gráficas do interior do Rio Grande do Sul configura-se como um gesto político. Acreditamos que é urgente ampliar o olhar sobre os territórios da arte e da memória, sobretudo aqueles historicamente marginalizados pelas narrativas oficiais. A história da imprensa caricata de Rio Grande, como aqui apresentada, não constitui apenas um capítulo isolado — é parte de uma rede mais ampla de resistência, invenção e disputa por narrativas no país.

Este livro, embora limitado em seu escopo temporal, contribui para o fortalecimento de uma memória coletiva que se mantém viva nos desenhos, nos relatos e nas ausências que conseguimos (ou não) preencher. Ele nasce de um desejo coletivo de escuta e de arquivo, de reconstrução do passado e de abertura ao futuro. E, se há algo que este levantamento nos ensinou, é que as imagens — mesmo as mais simples, mesmo as publicadas em páginas amareladas pelo tempo — carregam a força de dizer aquilo que muitos não puderam ou não ousaram dizer em voz alta.

Por fim, desejamos que este livro inspire novas pesquisas, novas escutas e, quem sabe, novas publicações sobre a imprensa caricata, seus artistas e a memória da resistência local. Há ainda muito a ser descoberto, registrado e reinterpretado. Que este seja apenas o início de um percurso mais longo, movido pelo desejo de justiça, memória e criação.

Referências

ALVES, Francisco das Neves. Governo do Prefeito Farydo Salomão. **Biblos**, Rio Grande, v. 3, p. 19–48, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/68>. Acesso em: 5 mar. 2025.

BADEJO, M.; SANTOS, C. **Entrevista concedida a Julia Pereira Fernandes e José Andrew Vieira Maio**. Rio Grande, RS, 27 fev. 2025. 1h50min.

BARRETO, A. **Primórdios da imprensa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, 1986.

BORBA BARRETO, A. A.; SAINZ, N. G. Um município “diárquico”? A atuação dos partidos políticos no legislativo de Rio Grande-RS no final da ditadura civil-militar (1983-1985). **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 28, n. 3, 2019.

BRANCO, F. A. **A presença e o papel da Literatura no jornal caricato O Diabrete (1875-1881)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande, 2005.

BRASIL. **Ato Institucional n. 5, de 13 de dezembro de 1968**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 1968.

DAMASCENO, A. **Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX**. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

FURG. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. **Comissão da Verdade**. 2023. Disponível em:
https://sei.furg.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_documento_consulta_externa.php?cGqkJgYmwW9yr1bOUGs6IQRy0moHBInU6ic7dJSDPO5VdtLeFhZL7HmVca-yMpOl4yoygAKNwmRVYL9ewm6EQI73fO9tns0BeXsbP3gFYetwR98mHRELa5gMK33b1UH. Acesso em: 15 mar. 2025.

GOULART, F. O.; PEREIRA, J. F.; MAIO, J. E. V. A imprensa caricata rio-grandina nos anos de chumbo: o humor de Flávio Guimarães (1949-1997) nas páginas do Jornal Agora. **Anais do Simpósio de Cultura da 23ª Mostra da Produção Universitária**, Rio Grande: FURG, 2024. p. 1-4.

GUIMARÃES, P. **Entrevista concedida a Fábio Ortiz Goulart**. Rio Grande, RS, 23 jul. 2024. 27min.

HOHLFELDT, A. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **E-Compós**, v. 7, 2006.

JORNAL AGORA. Rio Grande, RS, 1975-1976. Acervo do Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande.

JORNAL AGORA, n. 11026-11027, Rio Grande, RS, 20 e 22 dez. 2014.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.

O NOTICIADOR, n. 119, Rio Grande, RS, 4 mar. 1833.

RODRIGUES, A. **Agora eu...: a revolução de 1964**, em Rio Grande. [S. l.]: [S. n.], 1980.

ROSA, J. **Comunicação pessoal**. Rio Grande, RS, 14 abr. 2025.

Sobre os autores



Fábio Ortiz Goulart

Doutorando em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bacharel em Arqueologia e graduando em Artes Visuais pela FURG.

Pesquisa histórias em quadrinhos e mídias de forma interdisciplinar, estudos de gênero, sexualidade, interseccionalidade e infância.



Júlia Fernandes Pereira

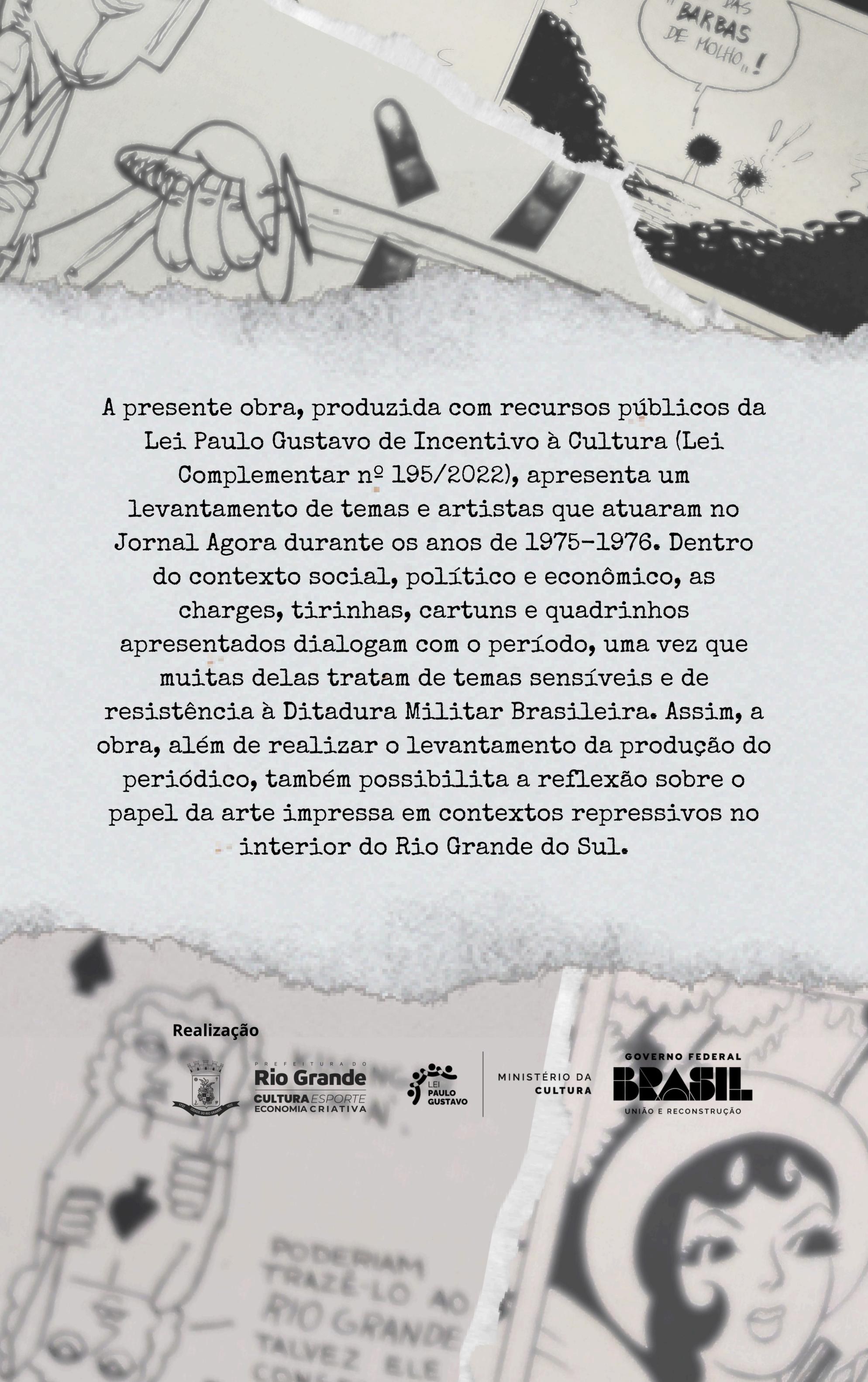
Graduanda em Artes Visuais pela FURG. Atua no projeto *Arte para Playlist*, na Web Rádio Coração – projeto de extensão vinculado à FURG. Pesquisa a interseção entre decolonialidade e epistemologias do Sul, com foco em educação ambiental e

educação não formal.



José Andrew Vieira Maio

Graduando em Artes Visuais pela FURG. Artista e produtor cultural. Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Tem interesse nas áreas de ensino de Artes Visuais, jogos digitais e pintura.



A presente obra, produzida com recursos públicos da Lei Paulo Gustavo de Incentivo à Cultura (Lei Complementar nº 195/2022), apresenta um levantamento de temas e artistas que atuaram no Jornal Agora durante os anos de 1975–1976. Dentro do contexto social, político e econômico, as charges, tirinhas, cartuns e quadrinhos apresentados dialogam com o período, uma vez que muitas delas tratam de temas sensíveis e de resistência à Ditadura Militar Brasileira. Assim, a obra, além de realizar o levantamento da produção do periódico, também possibilita a reflexão sobre o papel da arte impressa em contextos repressivos no interior do Rio Grande do Sul.

Realização



PREFEITURA DO
Rio Grande
CULTURA ESPORTE
ECONOMIA CRIATIVA



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO